

# CURADORIA ALGORÍTMICA E MODULAÇÃO DO GOSTO<sup>1</sup>

Diego Vicentin<sup>2</sup>

---

## RESUMO

Qual é a importância dos sistemas algorítmicos de recomendação para o exercício das autonomias individual e coletiva na formulação do gosto e no consumo de bens culturais? Para responder a essa questão, o primeiro movimento do texto é o de questionar a própria noção de *autonomia*, entendida como processo de individuação que exclui tudo aquilo que excede o indivíduo dele mesmo, como uma ação exclusiva de si sobre si. Para isso, mobilizamos a proposta da *heteronomia sem servidão* e o conceito de *modulação*. Em seu segundo movimento, o texto descreve o modo de funcionamento de sistemas de recomendação, além de sua economia política, enfatizando assimetrias de poder entre usuários e grandes plataformas, como Netflix e Spotify. Por fim, em seu último movimento, o artigo apresenta sistemas alternativos de organização e acesso a bens culturais que confrontam a lógica das *big techs*; sistemas esses que recusam não só a utilização de dados comportamentais para perfilização e recomendação algorítmica, como também o modelo de acesso mediante pagamento de assinatura.

**Palavras-chaves:** Sistemas de recomendação. Inteligência Artificial. *Big techs*. Plataformas de *streaming*.

## ABSTRACT

How do recommender systems impact the exercise of individual and collective autonomy in shaping taste preferences and consuming cultural goods? In addressing this query, we initially challenge the concept of autonomy, understood as an individuation process that excludes agencies that exceed the individual himself. To achieve this, we mobilize the

---

1 Este artigo é uma versão expandida e modificada da fala apresentada na mesa “Mediação cultural e autonomia: implicações sobre a regulação do gosto”, no âmbito do Seminário Internacional Inteligência Artificial em Processos Criativos, realizado pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo em novembro de 2023.

2 Cientista social, mestre e doutor em Sociologia. Professor da Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É membro-fundador da Rede de Pesquisa em Governança da Internet (REDE) e membro da rede Latino-Americana de Estudos sobre Vigilância, Tecnologia e Sociedade (LAVITS). As relações entre tecnologia e política constituem seus interesses de pesquisa nas últimas décadas. *E-mail*: diegovct@unicamp.br.

proposal of *heteronomy without servitude* as well as the concept of *modulation*. Secondly, this paper provides a brief overview of the functioning of algorithmic recommender systems and their political economy, highlighting the power imbalance between users and major platforms like Netflix and Spotify. Ultimately, alternative models of organizing and accessing cultural goods are introduced to challenge the paradigm of big techs. These alternatives reject the utilization of personal data for algorithmic recommendations and also resist the subscription-based access model.

**Keywords:** Recommender systems. Artificial Intelligence. Big techs. Streaming platforms.

## INTRODUÇÃO

A esta altura, tornou-se inegável a afirmação de que nossa autonomia individual e coletiva está sendo abalada, no mínimo, por sistemas algorítmicos de recomendação, que, de maneira quase imperceptível, à primeira vista, são determinantes na formulação do gosto e no consumo de bens culturais. Sabemos que não apenas nosso gosto, mas nossos desejos, nossos corpos e nossa psique estão sendo decisivamente constituídos por processos informacionais que têm sistemas algorítmicos no centro de sua operação.<sup>3</sup>

As raízes desse processo estão fincadas naquilo que podemos chamar, com Laymert Garcia dos Santos, de “virada cibernética” (Santos, 2003). A virada cibernética é uma maneira de nomear o movimento realizado pela tecnociência contemporânea, que é o de transformar o mundo num “inesgotável banco de dados” com o objetivo de influenciar o processo de tomada de forma de existências humanas e não humanas; ou seja, essa virada cibernética visa interferir no processo de tomada de forma das “mais variadas manifestações da matéria e do espírito” – inclusive do gosto, da fruição estética, do julgamento estético. A virada cibernética abre, para a tecnociência, a possibilidade de intervenção instrumental num plano que é informacional, que antecipa as possibilidades de futuro, determinando o campo do possível. É nesse plano, informacional, que o capitalismo quer intervir para continuar seus processos de expansão e extração de valor.

---

<sup>3</sup> Atualmente, já é bastante extensa a bibliografia que trata das implicações socio-políticas, econômicas e psíquicas da utilização de sistemas algorítmicos (ou de inteligência artificial (IA)) nos mais diversos campos da atividade humana. Apenas para indicar alguns casos específicos que tratam de modulação do comportamento por meio de sistemas algorítmicos: Bruno, Bentes e Faltay, 2019; Cesarino, 2022; Couldry e Mejias, 2018; Gillespie, 2014; Rouvroy e Berns, 2015; Morozov, 2018; Srnicek, 2017; e Zuboff, 2019.

A modulação do gosto e do consumo de bens culturais ocorre, dentro desse contexto de extração de valor, por meio da tradução (da matéria e do espírito) em dados e da antecipação de processos informacionais (ou de tomada de forma). As principais responsáveis pelos processos de extração de valor no mundo contemporâneo são as grandes empresas do Vale do Silício, conhecidas como *big techs*. Trata-se de um processo de concentração de riqueza e de poder sem precedentes nas mãos de uma elite que quer colonizar desde o espaço sideral até os lugares mais profundos de nossa psique.

Cabe ao pensamento crítico, então, ao menos fazer a denúncia de que os sistemas informacionais controlados por essa indústria extraem valor de nossas ações (ou, na verdade, dos registros de nossas ações) e de que tais sistemas operam sobre nossa percepção de mundo; fazendo isso de maneira enviesada, racista, misógina e a partir de assimetrias de poder que nos colocam (a nós, usuários) em ampla desvantagem – uma vez que temos apenas uma vaga noção de como funcionam esses sistemas algorítmicos, protegidos por segredo industrial e propriedade intelectual (O'Neil, 2016; Pasquale, 2015). Nesse sentido é que se faz necessária a regulação estatal sobre as plataformas institucionais que alimentam sistemas algorítmicos. Seria uma forma de, pelo menos, fazer com que tais plataformas fossem mais transparentes e assumissem responsabilidades pelos efeitos negativos de sua operação.

A partir desse quadro geral, podemos novamente supor que temos pouca ou nenhuma autonomia sobre a constituição de nosso próprio gosto ou sobre nossa capacidade de julgamento e apreciação estética. Nossos desejos e ações estão sendo algoritmicamente modulados no exato momento em que tomam forma, em que se concretizam; no momento em que se decide assistir ou não a um filme, escutar uma música ou um *podcast*, no momento em que clicamos em “curtir” ou fazemos fazemos uma postagem.

## **HETERONOMIA SEM SERVIDÃO**

Mas o que significa a falta de autonomia? Seria uma espécie de perda de autenticidade do gosto? Nós sabemos que o gosto é algo que se formula no encontro entre inclinações pessoais, educação formal, contexto sociocultural e eventos do acaso. A autonomia é sempre relativa e talvez a questão seja pensar menos nos termos de autonomia, e mais nos termos de uma *heteronomia sem servidão* (Safatle, 2019), sabendo que nossa própria constituição (individual e coletiva) é produto de uma série complexa de relações que nos ultrapassa e nos atravessa, e que não podem ser determinadas antecipadamente, já que isso negaria completamente a possibilidade de futuro, de devir.

A heteronomia sem servidão é uma coisa impensável. Afinal, heteronomia significa a determinação de um sujeito, de um indivíduo, por um plano de realidade que não coincide com ele mesmo, que lhe é externo, diferente, *alien*. Suponhamos, agora, a necessidade da existência de uma relação de servidão dentro desse contexto de heteronomia que foi descrito. A provocação colocada pela *heteronomia sem servidão* é a de que podemos reconhecer que nossa individuação psíquica e coletiva é decisivamente influenciada por fatores que são externos a nós mesmos, que nos atravessam, ao mesmo tempo em que agimos com liberdade.

Isso ajuda a pensar a relação com os algoritmos e os sistemas de inteligência artificial (IA) fora da oposição dual do tipo sujeito-objeto. Trata-se de um processo de determinação recíproca entre humanos e objetos técnicos. O gosto e a fruição estética não são completamente determinados pelos algoritmos, o que não quer dizer que não estamos implicados em relações de servidão quando consumimos bens culturais das grandes plataformas. Talvez, a primeira pergunta a ser colocada seja: a serviço de quem nosso gosto se individua? Sem sombra de dúvida, hoje, nosso gosto e consumo de bens culturais são moldados majoritariamente em favor da extração de valor capitalista, moldes esses capturados pelas grandes plataformas das *big techs*, mas também por *startups* e toda a indústria das tecnologias de informação e comunicação. Mas como isso ocorre? Como resistir a esse processo exercendo alguma forma de liberdade?

O artigo pretende abrir caminhos para enfrentar as duas últimas questões utilizando o conceito de *modulação* como fio condutor, justamente porque ele escapa à oposição sujeito-objeto. O conceito de modulação desempenha um papel importante numa maneira de conceber um mundo no qual seria possível tomar as formas de existência sempre como inacabadas, como em processo de transformação e de devir. Tanto a captura quanto a resistência à servidão podem ocorrer por meio de processos de modulação.

## **MODULAÇÃO COMO CONTROLE E RESISTÊNCIA**

A modulação é um conceito que vem sendo utilizado de maneira ampla e intuitiva, sem que saibamos exatamente do que se trata, quais são suas complexidades, tensões e contradições. O termo se tornou famoso ao descrever e marcar as diferenças entre disciplina e controle, no célebre ensaio de Gilles Deleuze, “Post Scriptum sobre as sociedades de controle” (1992). As raízes do conceito deleuziano de modulação, por sua vez, estão no pensamento de Gilbert Simondon (2020a; 2020b), contemporâneo de Deleuze.

De maneira simplificada, a modulação se define por contraposição ao molde. O molde é uma forma predeterminada que conforma a matéria inerte, que lhe dá existência como objeto. O exemplo clássico utilizado por Simondon é a fabricação de tijolos (2020b). A modulação não opera a partir da relação de oposição forma-matéria (sujeito-objeto), mas trabalha no âmbito da informação, na incidência em planos de realidade que se estabelecem por meio de fluxos, de ondas, da propagação de energia. O triodo é outro exemplo clássico dado por Simondon (2020a); o triodo é uma válvula eletrônica, na qual há um fluxo de energia entre catodo e ânodo, e esse fluxo é regulado por uma grade que faz incidir um fluxo sobre o outro, regulando a passagem de energia entre catodo e ânodo. Ou seja, a modulação é uma realidade incidente que regula fluxos, que aumenta ou diminui diferenças de potencial entre ao menos dois pólos numa relação.

Assim, de maneira paradoxal, a modulação pode ser entendida tanto como uma condição de resistência a uma determinada realidade, quanto como meio de regulação dessa realidade. Além disso, a modulação é um meio de produção de tensão e de controle (HUI, 2015; Silveira, 2018; Salviano; Vicentin, 2022). O molde opera numa relação de descontinuidade em relação à matéria, enquanto a modulação opera numa relação de continuidade que é ondulatória, tal como em emissões radiofônicas. A radiação emitida por uma antena é modulada em termos de frequência ou de amplitude de maneira contínua, de tal modo que o sinal que é transportado pela onda se insere nela (na onda) como uma perturbação, uma diferença significativa correspondente a uma dada comunicação (a famosa relação sinal-ruído). A modulação é contínua e diz respeito a graus de resolução que são sempre temporários e que estão ligados aos modos de operação de sistemas que incluem processos de modulação. Mas como funciona a modulação do gosto? Como o conceito de modulação nos ajuda a pensar a regulação do gosto e do consumo de bens culturais?

## **SISTEMAS ALGORÍTMICOS DE RECOMENDAÇÃO**

De maneira geral, sistemas de IA (dentre os quais estão incluídos os sistemas algorítmicos de recomendação) têm como fundamento duas operações-base: classificação e predição. Trata-se não apenas de reconhecer, mas de reproduzir e criar padrões por meio de operações matemáticas, estatísticas, probabilísticas. Os sistemas de IA, nesse sentido, podem ser entendidos como instrumentos de conhecimento (Pasquinelli; Joler, 2021), porque nos permitem acessar planos de realidade que são expressos por meio de grandes conjuntos de dados.

Uma das técnicas computacionais utilizadas amplamente por plataformas de *streaming* de filmes e de música é chamada de *collaborative filtering* (filtragem colaborativa). Basicamente essa métrica verifica quais são as músicas/filmes/*podcasts* que são executados frequentemente em conjunto pelos usuários. Esses sistemas supõem, então, que, se um determinado usuário ouviu a música “A”, ele tem alta probabilidade de ouvir também a música “B” quando “A” e “B” são reiteradamente ouvidas em conjunto por outros usuários. Em termos espaciais, é preciso imaginar um espaço multidimensional em que as várias músicas ou os vários filmes no catálogo das plataformas, como Spotify e Netflix, estão distribuídos de acordo com a frequência em que são executados em sequência ou com alguma proximidade. Portanto, a relação de vizinhança nesse espaço significa que determinadas músicas ou certos filmes e séries são executados em conjunto com frequência (*clustering*). Então, as músicas, os filmes ou as séries daquele conjunto podem ser recomendados para certos perfis de usuários que mais regularmente ouvem essas músicas ou assistem a esses filmes e séries. A lógica é relativamente simples e conhecida pela maioria de nós, uma vez que ela é enunciada pelas plataformas com frequência.

A *filtragem colaborativa* se associa a outros processos que compõem os sistemas de recomendação. No Spotify, por exemplo, *sistemas de processamento de linguagem natural* (ou seja, sistemas da família do ChatGPT) são utilizados para relacionar conteúdo textual extraído da *internet* (redes sociais, *sites* e *blogs*) com as faixas de áudio que fazem parte do catálogo da plataforma (seja *podcast*, seja música). Assim, cada faixa de áudio da plataforma é relacionada com uma série de palavras-chaves, que vão servir para localizar a faixa dentro de microgêneros – os quais, por sua vez, servirão de base para a recomendação perfilizada (Arielli, 2018; Frey, 2019).

Além da filtragem colaborativa e do sistema de processamento de linguagem natural, há a análise de conteúdo dos arquivos de mídia. No caso de arquivos de música, é possível fazer a classificação de atributos sonoros, por exemplo, a partir de critérios como a “danceabilidade” da música (quão dançante a música é). No caso de arquivos de filmes, a Netflix é conhecida por ter criado uma nova forma de definição de gêneros cinematográficos que se divide em dezenas de milhares de gêneros (chamados *altgenres*). Para isso, esse serviço de *streaming* reuniu dados que classificam os filmes de acordo com um vocabulário de mais de 200 palavras-chaves (ou rótulos). Esses rótulos são atribuídos por trabalhadores humanos empregados pela plataforma que assistem ao conteúdo e realizam tal rotulagem (van Es, 2023). Os trabalhadores são definidos pela plataforma como *experts* (peritos), mas não há muita informação disponível sobre como esse trabalho ocorre e podemos desconfiar que se trata de um trabalho precarizado, levando em conta a proporcionalidade entre volume de tarefas e

custo pago pela execução delas. Alguns exemplos de microgêneros criados a partir desse sistema de classificação são: “Filmes sangrentos de horror-B dos anos 1980”; “filmes ‘noir’ aclamados pela crítica em língua francesa”; “filmes cerebrais do tipo *fight-the-system* visualmente impactantes” (Arielli, 2018; Gaw, 2022; Pajkovic, 2022).

Os gêneros alternativos da Netflix apresentam certa estrutura básica; ela combina algumas variáveis e rótulos que dizem respeito à região de origem do filme, ao gênero em termos clássicos (aventura, terror, *sci-fi*), se é baseado em... (romance, caso da vida real, evento esportivo); ao tema do qual trata; à ambientação (no tempo, no espaço); à faixa etária para a qual se destina; década em que foi produzido; e assim por diante. Uma questão interessante de se fazer é sobre como esses gêneros alternativos podem influenciar nosso pensamento e apreciação em relação ao cinema, ou ainda: como essas categorias estão sendo apropriadas fora do algoritmo da Netflix. É possível que passemos a utilizar tais categorias para descrever nossas inclinações, ou para tentar escapar da ação do algoritmo e ver além daquilo que ele supõe que queremos ver.

Uma crítica frequente é a de que a perfilização nos coloca em bolhas e não oferece diversidade de conteúdo após nosso perfil ser definido pelas plataformas (efeito da filtragem colaborativa). Para fugir da bolha, grupos de usuários se apropriaram da tipologia criada pela Netflix, numa tentativa de contornar o algoritmo e acessar uma versão mais completa do acervo. Há uma tabela de códigos de gêneros e subgêneros que circula nas redes sociais e está disponível em vários *sites*; a partir dela, é possível acessar “diretamente” o acervo da Netflix navegando por gênero e subgênero (nesse sentido, em tese, um usuário poderia verificar quais são os títulos de um subgênero que não lhe é recomendado pela plataforma).<sup>4</sup>

Podemos descrever isso como uma forma de apropriação da modulação algorítmica e de resistência a ela? Ora, qualquer interação na plataforma, ou com ela, de algum modo gera valor para a própria plataforma; certamente, as formas “desviantes” de acesso são utilizadas, então, por essas ferramentas, para aprimorar seu sistema de recomendação. Trata-se de um processo de constituição mútua, mas que coloca os usuários numa relação de servidão, uma vez que, de maneira geral, a intenção da plataforma é manter o usuário, durante o máximo de tempo possível, conectado e engajado, consumindo o conteúdo e pagando a assinatura. Os próprios engenheiros de *software* admitem isso implicitamente quando dizem que o objetivo é “fisgar” os usuários de tal

---

4 Um dos muitos *sites* que disponibilizam os códigos numéricos correspondentes aos gêneros e subgêneros da Netflix é: <https://www.netflix-codes.com/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

modo que eles aumentem o engajamento das empresas. Nesse sentido, é bastante reveladora a etnografia de Nick Seaver (2019) entre desenvolvedores de algoritmos de recomendação de música na Califórnia, EUA.

Uma das estratégias para capturar nossa atenção e nos fazer ver um filme está ligada à personalização das imagens no “cartaz”; essa personalização é feita a partir da realização de testes que verificam quais imagens resultam em maior interesse, de acordo com os diferentes perfis de usuários. Há o caso da imagem de um filme com dois personagens negros no cartaz, recomendado para um/a usuário/a de pele preta (Gaw, 2022). O problema é que ambos os personagens negros desempenham papéis secundários na trama do filme e não aparecem por muito tempo. Isso coloca claramente que, apesar de a Netflix indicar que seus algoritmos operam a partir de análise de dados “pós-demográficos” (os dados são comportamentais), as questões sociodemográficas retornam ao modelo por outras vias, reproduzindo preconceitos e estabelecendo vieses de raça, gênero e orientação sexual.<sup>5</sup>

Em seu discurso, a Netflix indica preferência pelas manifestações implícitas do gosto em relação às explícitas. As manifestações explícitas (quando um usuário conscientemente dá informações sobre suas preferências ao configurar seu perfil na plataforma) são performativas e envolvem um pensamento sobre si, ou sobre um ideal de si. Mas o ideal de si não corresponde aquilo que uma pessoa vê, de fato, com mais intensidade e frequência. Assim, os dados privilegiados (aqueles que evidenciam tomada de decisão) são dados de navegação no sistema – como os termos de busca, o tempo de visualização, o padrão de rolagem, a frequência de visualizações e assim por diante. A verdade é que não temos dados completos sobre quais são as variáveis utilizadas pelos algoritmos de recomendação. Dessa maneira, a plataforma é capaz de produzir um conhecimento sobre os usuários que não é acessível a eles, justamente porque os usuários não têm acesso aos dados e sequer sabem quais são as variáveis consideradas. Esse é um dos fundamentos da imensa assimetria de poder entre a plataforma e os usuários.

A assimetria recoloca a questão da servidão. Da servidão do nosso gosto, da nossa capacidade de apreciação estética, bloqueando possíveis aberturas para o novo. Pela Netflix, nossa fruição estética e nosso gosto são modulados de tal modo a tentar garantir fidelidade à plataforma. De

---

5 A ênfase discursiva da Netflix em relação aos dados pós-demográficos pode ser visualizada em uma apresentação de Sudeep Das, um dos engenheiros seniores de pesquisa da empresa. A apresentação está disponível em: <https://research.netflix.com/publication/Personalization%20at%20Netflix%20Making%20Stories%20Travel>. Acesso em: 14 jan. 2024.



tal modo a tentar manter o pagamento de assinatura. Como podemos resistir a isso e à decorrente captura de nosso tempo, atenção e afetos? Em primeiro lugar, aprendendo sobre como funcionam essas plataformas, em termos operacionais e de sua economia política, daí a escolha deste artigo de tratar brevemente sobre algumas das técnicas computacionais utilizadas por sistemas de recomendação (como *collaborative filtering* e processamento de linguagem natural). Isso tem um papel de letramento que é cada vez mais importante para que possamos inventar relações não alienadas com a tecnologia, para fazê-las funcionar para nós mesmos, num ato de liberdade que reconhece que muito de si é formado pelo que lhe é exterior.

O letramento contribui para outra ação que é desejada caso queiramos evitar a servidão: a fragmentação e a multiplicação de sistemas de recomendação e modos de experimentar esteticamente. Os algoritmos não precisam estar a serviço da economia da atenção e de interesses comerciais. As plataformas e sistemas de recomendação podem estar vinculados a propostas políticas e estéticas que sejam claras aos usuários e colaboradores, como é o caso do LIBREFLIX.

## LIBREFLIX E A QUESTÃO DA DIVERSIDADE

LIBREFLIX<sup>6</sup> é uma plataforma de streaming baseada nos princípios do Software Livre e da Cultura Digital (Tarin; Belisário, 2012; Paciornik, 2021). O código da plataforma é aberto e está disponível para que qualquer pessoa possa vê-lo, modificá-lo e com ele contribuir. Sua criação se deve à iniciativa de Guilmour Rossi, que em 2017 iniciou o projeto enquanto estudante da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), junto a um docente da casa e a outros ativistas de *software* livre (Soares, 2022). O acervo reúne obras livres de cobrança de direitos autorais que são selecionadas pela equipe de mantenedores da plataforma, seja buscando ativamente, seja analisando material enviado pelos próprios produtores de conteúdo. Em sua maioria, as obras do acervo assumem posições políticas claras, de viés progressista e a partir das perspectivas de movimentos sociais de esquerda. Há ficções e documentários de curta e longa-metragem que tratam dos movimentos de estudantes secundaristas (*Acabou a paz, Isto aqui vai virar o Chile!* Carlos Pronzato, Brasil, 2015), de entregadores de aplicativo (*Pandelivery*, António Matos e Guimel Salgado, Brasil, 2020) e de cooperativas de catadores (*Catadores na pandemia*, Kellynson W. Mattos, Brasil, 2021), apenas para mencionar três. Há também filmes

---

6 Ver: <https://libreflix.org/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

clássicos, como *Metrópolis* (Fritz Lang, Alemanha, 1927), e conteúdo infantil, como os episódios da série *Castelo Rá-Tim-Bum* (Flávio de Souza e Cao Hamburger, Brasil, 1994-1997).

Além do campo de procura por palavra-chave, o acesso ao acervo se organiza a partir de dois menus iniciais. No primeiro, os filmes são divididos em grandes categorias: “docs”, “ficção”, “curtas”, “séries”, “clássicos”, “nacionais” e “kids”. No segundo, o acervo se divide por temas como: “Sci-Fi”, “Feminismo”, “Veganismo”, “Animação” e “Comédia”. Rolando a tela para baixo, os títulos são exibidos e organizados em categorias como “Para ver hoje”, “Em alta” e “Recém-chegados”, seguindo uma organização da interface parecida com o que vemos nas grandes plataformas de *streaming* de vídeo. No entanto, uma diferença importante é a de que, no LIBREFLIX, a curadoria leva em conta dados de preferência dos usuários apenas para indicar os filmes que estão “em alta”, ou seja, que apresentam uma tendência de aumento na frequência de visualizações. Não há captura de dados pessoais para fins de perfilização. Não é preciso criar conta e fazer *login* para assistir a um filme na plataforma. Alguns dados básicos de navegação, que são importantes para a organização e manutenção do *site*, como o número de acessos, o tamanho da tela do dispositivo do usuário e seu país de origem, são capturados via Google Analytics. A política de privacidade da plataforma lamenta que seja essa a ferramenta utilizada e convida possíveis interessados a colaborar para o desenvolvimento e utilização de ferramentas alternativas.<sup>7</sup> O mesmo ocorre em relação à hospedagem da plataforma, que é feita por servidores localizados nos EUA, algo que se justifica apenas pelo menor custo financeiro. Por fim, não é necessário nenhum tipo de pagamento para assistir ao conteúdo, e não há nenhuma forma de monetização e venda de dados dos usuários pela LIBREFLIX. Os custos operacionais do *site* são cobertos por meio de trabalho voluntário e de doações realizadas também voluntariamente em plataformas de financiamento coletivo.<sup>8</sup>

Ainda em relação ao acervo, há de se destacar a presença de documentários que tratam justamente de temas vinculados ao papel das tecnologias digitais no mundo contemporâneo. Nesse sentido, a produção nacional tem lugar com um documentário (*Freenet?*, Pedro Ekman, Brasil, 2016) e uma minissérie (*Xploit*, Fabrício Lima, Brasil, 2017), que tratam de questões relativas à vigilância e às formas de exercício de poder que ocorrem por

---

7 A política de privacidade da plataforma LIBREFLIX está disponível em: <https://libreflix.org/privacy>. Acesso em: 14 jan. 2024.

8 A LIBREFLIX mantém uma página de seu *site* com informações sobre campanhas de contribuição e agradecimento aos colaboradores: <https://libreflix.org/agradecimentos>. Acesso em: 14 jan. 2024.

meio da *internet* e da comunicação eletrônica. As duas obras partem da perspectiva de coletivos que compõem a cultura digital no Brasil. Ambas as produções se posicionam a favor da liberdade de ação política, da abertura e do compartilhamento de conhecimento; além disso, tomam posição contra as desigualdades digitais que se colocam entre cidadãos-usuários e os grandes conglomerados que detêm propriedade física e intelectual sobre as redes de informação e comunicação.

O LIBREFLIX é um exemplo bastante interessante da concretização da cultura do compartilhamento e de uma economia da abundância, e felizmente está longe de ser o único. Podemos mencionar também o LGBTFLIX, que é uma plataforma que reúne filmes que tenham sido dirigidos e/ou produzidos por pessoas LGBTQIAPN+, ou produções cujo foco sejam temáticas pertencentes a essa comunidade. Tal como no LIBREFLIX, não há necessidade de registro ou pagamento para acessar o serviço e ver qualquer filme do acervo.<sup>9</sup> Do mesmo modo, mas com acervo especializado em documentários de curta-metragem da América Latina, podemos mencionar ainda o CurtaDoc, que nasceu de um projeto para a SescTV em 2009<sup>10</sup>.

O modelo livre de pagamento não é o único que as plataformas podem assumir para fugir da curadoria algorítmica das *big techs*. Mesmo dentro de uma perspectiva comercial, que requer cadastro e pagamento de assinatura, a empresa MUBI assumiu, de maneira bastante vocal, um discurso antiperfilização algorítmica, afirmando a importância da curadoria humana e ressaltando o papel dos estudiosos e críticos de cinema para a descoberta de novas obras pelo público. Claramente trata-se de uma fatia de mercado restrita, um nicho, especialmente se comparado com o cinema tipo *blockbuster* da Netflix, Amazon, HBO, Star+ e outras plataformas vinculadas aos grandes estúdios. Mesmo assim, a MUBI conheceu uma expansão expressiva ao longo dos últimos anos e atualmente é um ator importante no circuito internacional de cinema-arte, assumindo uma função não só de coprodutora e de distribuidora de filmes, como também de organizadora de festivais e apoiadora de escolas de cinema (Frey, 2021). No mesmo modelo, mas com alcance menor, podemos mencionar a plataforma britânica BFI Player<sup>11</sup> e, no Brasil, o projeto PortaCurtas<sup>12</sup>, que serve de plataforma de *streaming* e de repositório da produção nacional de filmes de curta-metragem.

Fomentar a multiplicidade de meios de acesso aos objetos ou bens culturais é uma maneira de fazer frente às grandes plataformas e escapar

---

9 Ver: <https://flix.votelgbt.org/sobre>. Acesso em: 14 jan. 2024.

10 Ver: <https://curtadoc.tv/sobre/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

11 Ver: <https://www.bfi.org.uk/bfi-player>. Acesso em: 14 jan. 2024.

12 Ver: <https://www.portacurtas.org.br/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

das relações de modulação servil do gosto e da fruição estética. Isso não quer dizer que os meios alternativos de acesso estejam livres de qualquer contradição e não estejam sujeitos no mínimo aos efeitos da expropriação capitalista e à modulação do gosto imposta pelas *big techs*. Quer dizer, no entanto, que podemos conceber e colocar em prática sistemas de recomendação para a promoção da cultura em suas mais variadas manifestações, que privilegiem produções independentes com posição política clara. Projetos desviantes e minoritários, como LIBREFLIX, não precisam sonhar atingir a mesma escala da Netflix e rivalizar com ela em termos de “fatia de mercado”. A escalabilidade é um dos pilares do pensamento branco e universalizante que orienta o desenvolvimento tecnológico tecnosolucionista de *startups* e *big techs*, impondo a necessidade de lidar com volume crescente de usuários, de tráfego de dados, de volume de armazenamento e de obras no acervo (Kanashiro, 2023).

A posição desviante, que rejeita o projeto da escalabilidade e/ou não a coloca como prioridade, é uma das diferenças significativas que podem produzir a desejada diversidade, tanto em termos de desenvolvimento técnico quanto de formulação do gosto e do consumo de bens culturais. Podemos conceber e concretizar plataformas digitais de promoção da cultura que façam associações aberrantes, agrupando antes pelo disparate que pela semelhança, e que não se submetam aos princípios de um novo-velho projeto universalizante, branco, masculino e colonial de extração de valor colocado em prática por *big techs* e *startups*.

## REFERÊNCIAS

- ACABOU a paz, Isto aqui vai virar o Chile! Direção: Carlos Pronzato. Produção: Carlos Pronzato. Brasil, 2015. 1 vídeo (60 min). Disponível em: <https://libreflix.org/i/acabou-a-paz>. Acesso em: 16 jan. 2024.
- ARIELLI, Emanuele. Taste and the algorithm. *Studi di estetica*, v. 12, n. 3, p. 77-97, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.7413/18258646062>. Acesso em: 16 jan. 2024.
- BRUNO, Fernanda; BENTES, Anna C.; FALTAY, Paulo. Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento. *Revista FAMECOS – Mídia, Cultura e Tecnologia*, [s. l.], v. 26, n. 3, p. 1-21, 2019. Disponível em: <https://research.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=fd5e9320-46e6-3897-a476-c2eab6e5c545>. Acesso em: 16 jan. 2024.
- CASTELO Rá-Tim-Bum. Produção: Flávio de Souza e Cao Hamburger. Brasil, 1994-1997. Série em 91 vídeos. Disponível em: <https://libreflix.org/i/castelo-ratimum>. Acesso em: 16 jan. 2024.

- CATADORES na pandemia. Direção: Kellynson W. Mattos. Brasil, 2021. 1 vídeo (16 min). Disponível em: <https://libreflix.org/i/catadores-na-pandemia>. Acesso em: 16 jan. 2024.
- CESARINO, Leticia. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises A. Data Colonialism: Rethinking Big Data's Relation to the Contemporary Subject. *Television & New Media*, v. 20, n. 4, p. 336-349, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1527476418796632>. Acesso em: 16 jan. 2024.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- FREENET? Direção: Pedro Ekman. Brasil, 2016. 1 vídeo (96 min). Disponível em: <https://libreflix.org/i/freenet>. Acesso em: 16 jan. 2024.
- FREY, Mattias. The Internet Suggests: Film, Recommender Systems, and Cultural Mediation. *Journal of Cinema and Media Studies*, v. 59, n.1, p. 163-169, 2019.
- FREY, Mattias. MUBI and the Curation Model of Video on Demand. Palgrave Macmillan, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-3-030-80076-5>. Acesso em: 16 jan. 2024.
- GAW, Fatima. Algorithmic logics and the construction of cultural taste of the Netflix Recommender System. *Media, Culture & Society*, v. 44, n. 4, p. 706-725. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/01634437211053767>. Acesso em: 16 jan. 2024.
- GILLESPIE, Tarleton. The relevance of algorithms. In: GILLESPIE, Tarleton; BOCZKOWSKI, Pablo J.; FOOT, Kirsten A. *Media Technologies: Essays on Communication, Materiality, and Society*. Cambridge: MIT Press, 2014.
- HUI, Yuk. Modulation after control. *New Formations*, v. 84-85, p. 74-91, 2015. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/597734> Acesso em: 16 jan. 2024.
- PODCAST Radio Terrana. Edtechs: Educação e inteligência artificial. Entrevistados: Marta Mourão Kanashiro e Henrique Zoqui Martins Parra. Entrevistadora: Yasmin da Costa Barreiros. Disponível: <https://open.spotify.com/episode/2105WuUeNyMKn0TAii8woI>. Acesso em: 16 jan. 2024.
- METROPOLIS. Direção: Fritz Lang. Alemanha, 1927. 1 vídeo (118 min). Disponível em: <https://libreflix.org/i/metropolis>. Acesso em: 16 jan. 2024.
- MOROZOV, Evgeny. *Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu, 2018.
- O'NEIL, Cathy. *Weapons of Math Destruction: how big data increases inequality and threatens democracy*. New York: Broadway Books, 2016.
- PACIORNIK, Guilherme F. *Movimentos sociais e tecnologias digitais: cultura digital brasileira, software livre e tecnopolítica*. 2021. 656 p. Tese (Doutorado em Sociologia) –Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

- PAJKOVIC, N. Algorithms and taste-making: Exposing the Netflix Recommender System's operational logics. *Convergence*, v. 28, n.1, p. 214-235, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/13548565211014464>. Acesso em: 16 jan. 2024.
- PANDELIVERY: quantas vidas vale o frete grátis? Direção: António Matos e Guimel Salgado. Brasil, 2020. 1 vídeo (15 min). Disponível em: <https://libreflix.org/i/pandelivery>. Acesso em: 16 jan. 2024.
- PASQUALE, F. The black box society: the secret algorithms that control money and information. Cambridge, United States: Harvard University Press, 2015.
- PASQUINELLI, Matteo; JOLER, Vladan. The Nooscope manifested: artificial intelligence as an instrument of knowledge extractivism. *AI & SOCIETY*, v. 36, n. 4, p. 1.263-1.280, 2021.
- ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o dispar como condição de individuação pela relação? *Revista ECO-Pós*, v. 18, n. 2, p. 36-56, 2015.
- SAFATLE, Vladimir. Crítica da autonomia: liberdade como heteronomia sem servidão. *Discurso*, v. 49, n. 2, p. 21-41, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.2019.165473>. Acesso em: 16 jan. 2024.
- SALVIANO, Maria C.; VICENTIN, Diego J. Modulação além do controle: considerações sobre a amplificação nos processos informacionais. *Liinc em Revista*, v. 18, n. 2, p. 6.034, 2022. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/6034>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- SANTOS, Laymert G. A informação após a virada cibernética. In: SANTOS, Laymert G.; KUCINSKI, Bernardo; KHEL, Maria Rita; PINHEIRO, Walter (org.). *Revolução tecnológica, Internet e socialismo*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 9-34.
- SEAVER, Nick. Captivating algorithms: Recommender systems as traps. *Journal of Material Culture*, v. 24, n. 4, p. 421-436, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1359183518820366>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- SILVEIRA, Sérgio A. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. In: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu (orgs.). *A sociedade de controle: manipulação e modulação nas redes digitais*. São Paulo, SP: Hedra, 2018. p. 31-46.
- SIMONDON, Gilbert. *A individuação à luz das noções de forma e de informação*. São Paulo, SP: Editora 34, 2020a.
- SIMONDON, Gilbert. *Do modo de existência dos objetos técnicos*. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 2020b.
- SRNICEK, Nick. *Plataform capitalism*. Cambridge, United States: Polity Press, 2017.

- SOARES, Jameson. Libreflix: a cultura colaborativa do audiovisual numa plataforma de *streaming*. *Extensão em Debate*, n. 09, v. 11, 2022. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/extensaoemdebate/article/view/14543>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- TARIN, Bruno; BELISÁRIO, Adriano. *Copyright: pirataria & cultura livre*. Rio de Janeiro: Editora Azougue, 2012. Disponível em: <https://midiatatica.desarquivo.org/2010-2013/copyright/>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- VAN Es, Karin. Netflix & Big Data: The Strategic Ambivalence of an Entertainment Company. *Television & New Media*, v. 24, n. 6, p. 656-672, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/15274764221125745>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- XPLOIT, Internet sob ataque. Direção: Fabrício Lima. Brasil, 2017. Minissérie em 6 vídeos. Disponível em: <https://libreflix.org/i/xploit-internet-sob-ataque>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- ZUBOFF, Shoshana. *The age of surveillance capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power*. New York: Public Affairs, 2019.